

O sertão: A construção da figura do cangaceiro como representação de um modelo de masculinidade.

Pedro Gil Silva Santos

Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Lemuel Rodrigues da Silva

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor de História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

A partir do projeto de pesquisa “A historiografia do cangaço e seus reflexos na consolidação da memória em Mossoró/RN”, este trabalho apresenta uma discussão sobre a relação do espaço sertanejo com a construção da imagem do cangaceiro como uma representação do homem do sertão, aquele que a partir de discursos produzidos e que nos são repassados até hoje são sempre representados como vingativo, viril, honrado, um “cabra da peste”, “cabra macho”, homem de fibra, rústico, rude, embrutecido pelo meio, ou seja, um modelo de masculinidade. E diversos escritores, partindo de “lugares sociais” distintos procuram compreender o cangaceiro de formas diferenciadas: para alguns eram homens que estavam em busca de justiça, de vingança por algum crime cometido contra eles, sujeitos que tentavam de qualquer forma sobreviver e encarar as dificuldades impostas por uma natureza áspera, árida, bruta, exigindo-lhes uma verdadeira batalha pela vida. Em oposição, outros autores mostram que os cangaceiros não passavam de bandidos cruéis que aliados a poderosos donos de terras ajudaram a afugentar a já carente população do sertão. Dessa forma, a partir de obras e autores emblemáticos será discutido o espaço e a influência deste, no surgimento e na ação dos cangaceiros, e as reais consequências econômicas e sociais do surgimento destes para o Sertão.

Palavras Chaves: Territorialidade, Discursos, Cangaceiros.

Até os dias atuais os discursos envolvendo os cangaceiros estão envolvidos por grandes mitos, por estereótipos em que estes sujeitos são sempre representados como um modelo de masculinidade, ou seja, vingativo, viril, honrado, um cabra da peste, cabra macho, homem de fibra, rústico, rude e embrutecido pelo meio. Discursos que retratam estes homens do sertão como verdadeiros heróis são o que não faltam, principalmente quando se trata da literatura, de representações artísticas como o teatro, o cinema, pinturas, poesias entre outros. Através da oralidade, de monumentos, e principalmente de espetáculos, os cangaceiros são retratados em sua grande maioria como bandidos impiedosos que só encontravam um sentido na vida infligindo o sofrimento ao outro. Apesar de discursos exaltando-os como bandidos, há aqueles que os tratam como heróis, que justificam seus atos de violência como ação contrária a estrutura social vigente que não garantiam sobrevivência ao homem do campo. Muito mais pelo instinto do que por alguma ideologia.

A literatura serviu como uma das formas mais influentes no quesito de romantizar o cangaceiro. Obras como: *Sem lei nem rei* de Maximiano Campos, *O Cabeleira* de Franklin Távora, e até mesmo aquelas que não têm o cangaceiro como foco, mas em poucas páginas conseguem expressar uma imagem extremamente curiosa sobre esses homens. Isto é retratado em uma passagem do livro *Menino de Engenho* de José Lins do Rêgo, “Para mim tinha perdido um bocado de prestígio. Eu fazia outro, arrogante e impetuoso, e aquela fala bamba viera desmanchar em mim a figura de herói” (2008).

RÊGO, 2008 nos transmite o que o menino da cidade que após a morte da mãe e a prisão do pai e que passa a morar no engenho do avô, sente ao saber que o cangaceiro Antônio Silvino iria até aquela casa para jantar. Após receber a notícia, toda a casa fica em um estado de pavor. O nome do cangaceiro era sempre dito em voz baixa, verdadeiros cochichos. Mas, para as crianças da casa, a presença de Silvino era tão grandiosa quanto à de um rei, já que os moleques adoravam brincar de polícia e de bandido, e sempre representavam o homem como alguém a ser temido.

Na noite do jantar, com exatamente 12 homens e Antônio Silvino a frente de todos, apenas ele tomava intimidade com os da casa. Os meninos ficavam de longe admirando aquele homem que para eles seria um “herói”, olhando para “seu punhal enorme, os seus dedos cheios de anéis de ouro e a medalha com pedras de brilhante que trazia no peito”. E foi justamente após o jantar que o menino perdeu boa parte da admiração por aquele cangaceiro. A imagem que havia na cabeça do menino, de um homem arrogante, impetuoso (muito provavelmente construídas pelas histórias que as pessoas mais velhas daquela casa contavam sobre Silvino) foi desmanchada pela fala bamba, pelos risos e pela fala mansa, que Antônio Silvino demonstrava na mesa do jantar. A imagem do herói havia sido desconstruída.

Se a algo que se possa afirmar com toda a certeza sobre os cangaceiros, é que:

(...) não resta dúvida de que o homem do cangaço disputa com o próprio vaqueiro a primazia no representar do modo mais completo o conjunto dos atributos e qualidades que caracterizam o homem do ciclo do gado. As noções de independência, improvisação, autonomia e livre-arbítrio conheceram nele seu cultor máximo. Ninguém o excedeu no dar asas soltas ao aventureirismo e ao arrojo pessoal. Ninguém mais que ele soube gozar e sofrer, a um só tempo, as peculiaridades do viver nômade. Foi, a ferro e fogo, senhor de suas próprias ventas, atuando – como se diria com expressão do velho Nordeste colonial – sem lei nem rei. (MELLO, 2004).

Em seu livro *Os Cangaceiros: Ensaio de Interpretação Histórica*, Luiz Bernardo Pericás citará algo muito valioso em relação aos autores que tentaram entender o sertão e o agreste:

(...) muitos autores tentaram entender o Sertão e o Agreste enfatizando em excesso alguns de seus aspectos específicos, como as características físicas do homem da região, suas manifestações psicológicas, sua tessitura emocional ou a influência do espaço geográfico e climatológico local. Essa hipertrofização de certas facetas produziu, por vezes, interpretações incompletas que reforçam os mesmos clichês sobre uma sociedade que, como qualquer outra, sempre apresentou uma variada gama de experiências, padrões e valores culturais.

Autores tentavam explicar a violência dos sertões, a partir de uma única causa. Euclides da Cunha e Nina Rodrigues atribuem à mestiçagem, a causa da “barbárie” e violência sertaneja. A obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, representa uma visão de sertão até então desconhecida para o autor, uma vez que suas narrativas sobre a região limitavam-se a reprodução discursiva do homem do sul, que por diversos fatores, dentre eles, isolamento do Norte e as notícias divulgadas nos jornais, não conhecia aquele espaço, apenas lia ou ouvia falar sobre.

A importância do seu trabalho vai para além da literatura, passa também pelo âmbito sociológico e histórico. A visão de CUNHA, 2011 ainda está ligada ao pensamento positivista, do início do século XX, de que o futuro traria apenas avanços, enquanto o passado seria o lugar da barbárie. O Sertão por ser um espaço isolado e esquecido pelo estado, só alcançaria o progresso com a intervenção dos brasileiros que viviam à beira do Atlântico, com princípios civilizadores elaborados na Europa.

Por estar presente e participar como jornalista da campanha contra o arraial de Canudos, o autor faz uma descrição extremamente rica da geografia do sertão, e é justamente a pobreza, o pouco verde existente, o sol de rachar na cabeça do sertanejo, a vegetação e as poucas árvores que transmitem agonia e que tinham muito mais utilidade como sombra do que pra outra serventia, que CUNHA, 2011 vai afirmar que isso vai trazer uma grande influência para a estrutura do homem sertanejo. O sertanejo se faz homem, quase sem ter sido criança. É um condenado a vida, envolvidos em combate sem tréguas. Essa influência se da na força do sertanejo, que a primeira vista é analisada pelo jornalista como desajeitado, desengonçado, torto. O andar sem firmeza, sem aprumo, vacilante e tortuoso, representa o movimento de membros desarticulados (...). Entretanto essa aparência engana. Desaparece de repente, basta surgir qualquer incidente que exija dele uma reação,

que desperte suas energias. Ele então se transforma, apruma-se, a cabeça de firma, alta sobre os ombros possantes, o olhar se torna corajoso e forte (CUNHA, 2011).

Para CUNHA, 2011 a diferença estava no cruzamento realizado no litoral e no sertão. Enquanto no litoral a mistura se deu entre negro e o branco que deu origem ao mulato, no sertão a mistura de índio com o branco fez surgir o caboclo. Isolados no sertão, o temperamento aventureiro do colono e a impulsividade do indígena conservaram seus atributos, mantendo hábitos antigos. Com as suas vestes características, seus hábitos ancestrais, seu apego às tradições mais remotas, seu sentimento religioso levado ao fanatismo, seu exagerado ponto de honra, e o folclore belíssimo, de três séculos. Resumindo, o sertanejo era um retrógrado, não um degenerado, o sertanejo estava preso a uma estrutura e a tradições arcaicas, a forte e indestrutível religiosidade, a fé, o fanatismo, a brutalidade, a força, uma devoção familiar que levava homens a matar em busca de lavar a honra com sangue, e por conta disso, estava em uma direção completamente oposta ao progresso.

Alguns estudiosos apresentam como razões que justificam o suposto atraso do sertanejo e do sertão, a inexistência de estradas e meios rápidos de transporte, carência de alimentos, secas periódicas, influências remotas do processo bárbaro de colonização e conquista da terra, das revoluções populares e da escravidão, inimizades e choques de liderança entre famílias, com a conseqüente solidariedade familiar e a vingança privada, falta de instrução e educação, proteção dispensada aos delinquentes pelos proprietários poderosos, que garantem a impunidade dos delitos e perseguições políticas (FERNANDES, 2007).

Segundo FERNANDES, 2007 a seca não era um fator primordial para o surgimento e a prática do cangaceirismo. Muitos sertanejos preferiam o êxodo, a migração para norte e sul, a entrar no mundo do crime. Porém, não foram poucos os que optaram pela vida errante da criminalidade. A seca também fazia com que os empregos sumissem, e o campo ficasse praticamente vazio, o que acarretava num contingente gigantesco de pessoas nas cidades. Cidades estas que ficavam completamente lotadas, e exalavam miséria. Como nos bem apresenta Luiz Bernardo Pericás, Em realidade, o principal efeito da seca sempre foi o êxodo para as cidades maiores, inclusive para as capitais de província, e não o “cangaceirismo”. Para ter uma ideia a população do Ceará, em 1877, como um todo, foi

reduzida a um terço. Mas a capital inchou. Em 1872, Fortaleza tinha 21 mil habitantes. Em 1877, contudo, já haviam emigrado para lá mais de 85 mil pessoas, e um ano mais tarde, passaram a ser 114 mil pessoas a mais na cidade. A cidade do Aracati, por sua vez, que tinha uma população de 5 mil moradores, em 1878 chegou a 60 mil pessoas.

Interpretações sobre o fenômeno do cangaço de estudiosos politicamente engajados a esquerda, enfocando principalmente o contexto de injustiça social do sertão buscaram entender e até justificar o fenômeno. Dentre os estudos que buscam justificar o cangaço a partir de uma ótica marxista é a obra *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó. Para o autor, o grande problema do sertão era o monopólio da terra. Grandes extensões em mãos de poucas famílias, fortalecendo a desigualdade social e obrigando grande parte da população a trabalhar por desgastantes horas, em troca de salário que não garantiam o sustento das famílias.

O mercado era voltado para a exportação, enquanto a população local era obrigada a viver com pouquíssimos recursos, e opções de alimentos. O que levava também, a um segundo problema: As migrações. Esse problema afetava diretamente os donos de terra, já que necessitavam de uma mão-de-obra barata, que estava debandando do sertão, seja motivada pelo predomínio do latifúndio ou pelas secas periódicas.

Sendo assim, para o autor, chegou a um momento em que o sertanejo simplesmente não aguentava mais aquela situação ou como ele indaga: “Num meio em que tudo lhe é adverso, podia o homem do campo permanecer inerte, passivo, cruzar os braços diante de uma ordem de coisas que se esboroa sobre ele?” Na visão de FACÓ, 1972 fica claro que mais cedo ou mais tarde a população de rebelaria de alguma forma. Na ótica do autor dois caminhos seriam percorridos pelos sertanejos: a vida errante do Cangaceiro ou do Fanático. Sendo assim as formas que os sertanejos encontram para lutar contra a opressão da terra. O cangaceiro é aquele que luta armado, que a partir dos roubos de comboios buscam uma forma de sobreviver às adversidades do meio, e também a opressão que sofrem. O cangaceiro seria o homem sertanejo revoltado, uma fabricação de um espaço que simplesmente o excluía, que o fazia sofrer injustiças e humilhações, sendo assim, o cangaceiro seria aquele que traria a justiça para os sertões, que enfrentaria o monopólio da terra e libertaria a população sertaneja do sofrimento. Obviamente, que essa ideia, recebeu

muitas críticas posteriormente, e uma dessas é de Luitgarde Oliveira em A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão que:

FACÓ, 1972 deixou de perceber o caráter, a saída altamente individualista do cangaceiro que, se considerando injustiçado, ou com direito de partilhar o modelo de vida luxuosa “dos ricos”, parte para, pelo uso da força, do terrorismo, das mortes e torturas brutais, “apropriar-se” de todo o produto de outros homens de sua própria camada social. Esta falta de percepção impede-o de colocar a ação de rapinagem dos cangaceiros na categoria que Marx criou para classifica os atos de homens de baixa camada (classe dominada) que, por alienação, reproduzem a violência e a exploração de outros homens, características da classe dominante – o lumpem.

Nesse trecho duas informações chamam a atenção: A primeira é a de que grande parte dos sertanejos não apoiavam os cangaceiros. Não apoiava, pois o cangaceiro quebrava um dos códigos mais importantes dos sertanejos, o de que roubar era pior do que tirar a vida de alguém. Quando ocorre um assassinato, em grande parte das vezes é por conta de uma ofensa, ou a busca para lavar a honra, agora um roubo, tirar algo de alguém semelhante, é uma maldade sem tamanho. Utilizando Arthur Shaker, “Pelo Espaço do Cangaceiro, Jurubeba” tem-se a desconstrução de que o cangaceiro era alguém apoiado pela maioria:

“Depois, era benefício dos moradores, que muito gostavam dos cangaceiros, mas muitos não gostavam. E aqueles que gostavam, queriam é acabar com a nação dos cangaceiros, a raça dos cangaceiros”... “todo mundo tinha medo de cangaceiro, eu mesmo tinha medo. Quando ouvia falar – Lampião passou em tal lugar, assim, virge! Saía a notícia que Lampião passou matando, roubando, tudo o que é ruim. Então a gente assustava, não tinha quem não tivesse medo. A gente fugia deles... os paisanos tinham medo de policia e de cangaceiro.” (SHARKE, 1972).

A segunda é pensar como o cangaceiro justificava seus atos. O sujeito que se tornava cangaceiro deveria estar pronto pra ser odiado por grande parte dos sertanejos. Mas, por incrível que pareça, haveria aqueles que compreenderiam as ações dos cangaceiros, e até os apoiariam. E para isso, para cometer tais atos, os cangaceiros usavam justificativas válidas para aqueles códigos morais.

Uma boa explicação para o respeito e empatia das comunidades sertanejas pelos cangaceiros, apesar de qualquer mal que estes pudessem lhe causar, nos parece ser o da construção, consciente ou inconsciente, por parte dos marginais, de um “escudo ético”, terminologia tão apropriada e tão bem elaborada por Frederico Pernambucano de Mello. Esse elemento “ético”, em ultima instancia, os diferencia de forma inequívoca dos bandidos comuns aos olhos da população. E teria ajudado a manter a imagem de justiceiros ao longo

do tempo na região. Afinal como diria Luís da Câmara Cascudo, “o sertanejo não admira o criminoso, mas o homem valente” (PERICÁS, 2010).

Frederico Pernambucano de Mello em *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil* nos apresenta três estilos de cangaceiros: o cangaço meio de vida, o da vingança, e o refúgio. A primeira forma caracteriza-se por um sentido nitidamente existencial na atuação dos que lhe deram vida. Foi à modalidade profissional de cangaço, que teve em Lampião e Antônio Silvino seus representantes máximos. O segundo tipo encontra no finalismo da ação guerreira de seu representante, voltada toda ela para o objetivo da vingança, o traço definidor mais forte. Foi o cangaço nobre, das gestas fascinantes de um Sinhô Pereira, um Jesuíno Brilhante ou um Luís Padre. Na terceira forma, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava nada mais que um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas.

Os maiores e mais conhecidos líderes de bandos de cangaceiros, utilizavam como justificativa mais comum à vingança. Foi assim com Jesuíno Brilhante e Sinhô Pereira por exemplo. Mas, foi com Lampião que a justificativa entrou em contradição, já que alegava que entrara no cangaço para vingar a morte do pai e fazer justiça. Porém, para Luitgarde, Lampião inovou nos métodos dos tradicionais estilos de saques dos cangaceiros e junto a isso introduziu o sequestro, utilizando isso ao seu favor, para causar medo a suas vítimas e a população sertaneja. E, além disso, Lampião se encaixara muito mais como alguém que utilizava o cangaço como uma forma de vida, um verdadeiro negócio, do que alguém que desejava apenas lavar a honra, e depois abandonar aquela vida.

A vida no cangaço não era algo simples, e muito provavelmente não tão divertido quanto às crianças e jovens imaginavam que fosse já que a população – em sua grande parte como nos apresentou Luitgarde - os temiam, e na verdade com razão. O cangaço, assim como as secas foi uma das causas de grande êxodo dos sertões para o sul e para o norte. Porém, é preciso pensar aquela sociedade, seu espaço e sua temporalidade. Absolutamente tudo naquele meio era um verdadeiro convite para uma vida de crimes e de banditismo – por mais que existissem aqueles que desejavam viver em uma espécie de neutralidade, nem do lado do cangaceiro, e nem da volante, temos como exemplo os nazarenos – roubar no fim das contas, se tornou um ótimo negócio algo que realmente valia a pena para aqueles homens. Roubar seria bem mais atrativo, do que trabalhar para algum

fazendeiro. Não se pode esquecer que era uma sociedade formada por valentões, jagunços, coronéis, vadios, que a honra era lavada com sangue, e crimes chegavam a ser perdoados dependendo da razão.

Como bem expõe Frederico Pernambucano de Mello, o cangaceiro que entrava nessa vida por conta de vingança, ou de refugio era aquele que tinha como objetivo cumprir sua missão de lavar a honra ou se refugiava por tempo suficiente para tentar alguma outra coisa da vida. Apenas o cangaceiro que utilizava como meio de vida, como um verdadeiro negócio, é que realmente gostava do que fazia.

Referências:

BARROS, L. O. C., 1941 - *A derradeira gesta: lampião e nazarenos guerreando no sertão* – Rio de Janeiro: Mauas, 2000. 2ª edição: revisada e ampliada, 2007.

Cunha, E. da, 1866 - 1909. *Os Sertões/* adaptação de JAF, I. 1957 - São Paulo: Ática, 2009.

FERNANDES, R., *A marcha de Lampião: Assalto a Mossoró*. 7ª Edição. Revisada e Comentada por Kidelmyr Dantas, 2007

Facó, R. *Cangaceiros e Fanáticos* - 3ª edição. Ed. Civilização Brasileira - Rio de Janeiro - GB. 1972.

MELLO, F. P. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

PERICÁS, L. B., 1969 – *Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

REGO, J. L. do, 1901-1957. *Menino de Engenho* – 96ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SHAKER, A. – *Pelo Espaço do Cangaceiro, Jurubeba*. São Paulo, Edições Símbolo, 1979.